



TRIBUNA Livre

31
AGOSTO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRETOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO EDITOR: ANTONIO JOSÉ DA COSTA COLABORADOR: JOÃO BARBOSA DE MACEDO
COMPOSITORES: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO Composição, Impressão e Redacção: LARGO DE OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 52112 - AMARES

Ainda o magno problema da irrigação

Em dois artigos sucessivos foi apresentada e reforçada a ideia de ser aproveitado o manancial da Albufeira de Caniçada para irrigar grande parte do concelho de Amares, resolvendo um problema cuja magnitude ninguém poderá contestar.

A fertilidade do solo depende da maior ou menor abundância de água, que fornece a humidade necessária à germinação e à transmissão da seiva à planta, o sangue de que se alimenta.

E' de todos sabido a utilidade que uma medida deste género e em tão larga escala como se prevê, representa para a economia da lavoura, pelo

que merece ser acarinhada como nenhuma outra.

Todos os empreendimentos começam pelo lançamento da ideia, trave mestra da iniciativa. A agitação de ideias é sempre útil, mormente neste caso em que tão bem se pretende servir o interesse comum.

Todavia, da ideia à realidade, à execução do empreendimento, há sempre uma grande distância a percorrer, tanto maior quanto é extenso e oneroso, como no caso presente.

Mesmo quando as coisas se afluam prometedoras, cheias de viabilidade, como aqui, as dificuldades surgem, de toda a ordem, no plano executivo.

A fórmula, o processo de

execução da ideia mestra, é o primeiro passo a dar no campo da realidade prática, na concretização do ideal que se ventila e procura pôr em marcha.

Qual seria, efectivamente, a melhor forma de garantir a execução de tão grande melhoramento de interesse público?

Sem dúvida que seria a formação de uma cooperativa agrícola, a modalidade mais propícia, que serviria optimamente a grande causa que se debate.

Por ela obteriam os seus associados, cremos que, com a maior das facilidades, através do Fundo de Melhoramentos Agrícolas, a verba necessária para levar a efeito este momentoso empreendimento da construção de um ou mais canais que conduzissem a água remanescente da grande Albufeira da Caniçada.

Seria também de tentar que a Junta de Colonização Interna se interessasse pela sua realização, investindo o capital necessário, como o tem feito na construção de «casais agrícolas» e cremos que em algumas obras de «hidráulica agrícola», e concluída a obra fica-

(Continua na 4.ª página)

CANTINAS ESCOLARES

Por muito bem apetrechada que esteja uma escola, por melhor que seja o edifício em que funcione, por mais competência que tenha o mestre que a dirija e por muito que se esmere no cumprimento dos seus deveres, nunca a escola dará o rendimento que era de desejar: sempre há-de haver crianças que deixem de a frequentar, pela simples razão de que apenas uns míseros farrapos lhes disfarçam a quase nudez em que vegetam, e ainda porque só de ar não podem viver.

Mesmo daquelas, que a frequentam, muitas há que, pela deficiência de alimentação e pela exiguidade e pobreza de vestuário, sofrem de depressão mental, resultante de debilidade física e atrofia orgânica, e o seu aproveitamento não poderá ser o da criança sã e convenientemente alimentada e vestida, para resistir às intempéries.

Quantas centenas, de crianças não haverá em Portugal naquelas tão lamentáveis condições? Que peso morto não virão elas, mais tarde, a representar na sociedade? E quantas delas não poderiam vir a ser autênticos valores nas ciências, nas letras ou nas artes? Que serviços do mais alto valor não poderiam prestar um dia aos seus concida-

dãos? E por que se permite esta revoltante injustiça, e autêntico descalabro social?

E' a falta de cantinas escolares que, em parte, vem dar ocasião a tão deploráveis males que muito urge eliminar-se. E se em todas as escolas a cantina é uma necessidade, nas de Bouro, em que a pobreza é relativamente numerosa, é inteiramente indispensável.

Já muito se interessou alguém por solucionar, nesta freguesia, tão magno problema que, vindo beneficiar as crianças pobres, beneficiaria também todos os alunos, mormente os que residissem mais afastados da escola; além de que tão útil instituição muito honraria e dignificaria todos os Bourenses. Tão necessário e auspicioso empreendimento não foi, infelizmente, compreendido. O egoísmo e a ambição tudo frustraram.

Era uma aurora de bençãos, de prosperidades, de luz a querer resplandecer no plúmbeo céu da nossa terra, mas negras nuvens mais se acastelaram e as trevas do mal venceram então a claridade da redenção!

Em vez de obra tão meritória e grandiosa, que tanto elevaria a nossa terra, mais

(Continua na 3.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Desde a constituição da propriedade, em unidades e subunidades, à medida que se foi retalhando, à sua denominação e das construções para instalação dos cultivadores da terra, do «feitor»—*factor* ao mais humilde servo da gleba, o «cabaneiro»—*cabanarius*; a «casa, o casal e o caseiro»—*casa ou casula, casal et casarius*; a «sequeira e a fruteira»—*sicaria et fructaria* para recolha dos produtos agrícolas: *centenum, triticum, cibatum, avenam, acetanam*—o «centeio, trigo, cevada, aveia, azeitona», *far-o* «farelo», a mais antiga cultura do Lácio; *milium*—o «milho», e abre-se aqui um parêntesis para dar a palavra a Viterbo: «*milhom—segundo documentos antigos, como de 1280, pode concluir-se que já então havia em Portugal milho maiz ou grosso, a que hoje se chama milho, mas podia ser engano, porque os antigos punham muitas vezes m sobre o o.*»

Que até no século XVII só havia o milho alvo e foi então que um certo Paulo de Braga o trouxe da Índia. Ao princípio proibiu-se semeá-lo e só alguns cultivaram poucos pés nas suas hortas e jardins, vindo a ser o pão mais geral e frequente nesta região ou província e chamam-lhe: milho zaburro, milho grande, milho graúdo, milho maiz, milho ou milho grosso, e milho de maçaroca.

Também já àquela data há indícios, por documentos, do «milho negro»,—*milium nigrum*—milho-rei que hoje aparece de mistura com o branco e o louro ou amarelo;

quintarius—o «quinteiro», *atrium* o «átrio ou adro», *aditus*—o «aido ou eido», *area*—a «eira», *larea*—a «leira», *colina ou cocina*—a «cozinha», *lacar*—o «lagar», *cohortem*—a «corte», *molinum*—o «moinho» para trituração dos cereais, *ad pendulum*—o «alpendre» para recolha de «pensos e mantenças de gados *stramen ou strumen*—que se obtém do aproveitamento da vegetação espontânea; de tudo isto, repete-se, aos móveis e alfaias do casal agrícola: *jugum*—o «jugo», *aratrum*—o «arado», *cubus et cupas*—os «cubos e as cubas» *lectos, mensas et catedras*—as «camas ou leitos, as mesas e as cadeiras» tudo rememora, e faz avullar essa obra gigantesca, verdadeiramente monumental da Romanização que o Cristianismo santificou

(Continua na 6.ª página)

O NOSSO PATRIMÓNIO HISTÓRICO

Vem este jornal publicando desde os primeiros dias da sua fundação, a Monografia do Concelho de Amares, trabalho valiosíssimo do nosso ilustre amigo e amarense Senhor Domingos M. da Silva, erudito investigador.

Terminada a sua publicação vai este jornal editar um livro sob o mesmo título, não obstante o seu elevado custo, talvez sem compensação.

Fica assim o Concelho com uma obra de grande valor, onde os seus filhos podem ir buscar todos os ensinamentos dum passado grandioso e de invulgar valor histórico, sem necessidade de reunir e examinar velhos alfarrábios dispersos.

Não acontecerá, pois, de futuro aos nossos filhos o que aconteceu às gerações passadas de quem era desconhecida a história da maior parte desses gloriosos Amarenses de antanho, Senhores de entre Douro e Minho.

Os Vasconcelos, figuras do maior relêvo na vida histórica da Nacionalidade, e oriundos desta terra onde ainda existem as ruínas do seu castelo, são agora bem mais do que figuras lendárias, dum passado distante, pois vieram reunir-se no âmbito dos nossos conhecimentos aos Senhores do Crasto, a Sá de Miranda, Gualdim Pais, Marquês de Montebelo etc, formando uma ilustre galeria de homens célebres.

Também aos lugares históricos do Concelho como Santuário da Abadia, Convento de Rendufe, Convento de Bouro, Ponte Romana, Quinta da Tapada e Túmulo de Sá de Miranda, veio agora reunir-se num plano bem mais superior o Solar de Vasconcelos.

Temos agora imperiosa obrigação de fazer com que estes homens ilustres da nossa terra revivam, que sejam mais conhecidos os seus feitos, mais lidas as suas obras e mais cantadas

as suas glórias. Que esses lugares e monumentos sagrados, padrões dum passado aureo da nossa civilização, sejam cuidados, embelezados e visitados, e em que publicações de carácter turístico, roteiros, postais, ilustrações ou obras literárias sejam exaltados.

Este património não pode, no entanto, completar-se sem que, e é este o principal objectivo deste artigo, cuidemos de reunir a estas obras e publicações a parte arqueológica.

Em lugar próprio ou provisoriamente devem começar a reunir-se todos os objectos de arte, pedras e brasões históricos, trajes, publicações, manuscritos e outras reminiscências do nosso grande passado, emprestados, oferecidos ou adquiridos. É necessário que se salve o pouco que já existe em relação a tamanho passado, mas que ainda é muito num

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

AS SUGESTÕES DE DIOR para a próxima estação

DIOR apresentou a uma assistência, ora encantada, ora chocada ou indiferente, as suas sugestões para o Outono e o Inverno: decotes ousados, descendo em V quase até à cintura, para de noite: «linha lançadeira», direita, informe, esguia e assexuada para de dia e saias ligeiramente mais curtas do que no ano passado, mas um tanto compridas em comparação com as das outras colecções.

Antes do pôr do Sol, Dior prefere «toilettes» de uma só peça, subidas até ao pescoço, dissimulando o busto e puxando a linha da cintura até à altura da anca. As saias são tão justas que Vitória, um dos manequins preferidos do grande costureiro, ao apresentar um modelo «estilo Princesa» negro e afunilado aos joelhos, tropeçou e ia caindo.

Os «tailleurs» fluidos, com os casacos mais compridos e direitos quando não descintados e informes, como os que se usavam na era de «charleston», têm as saias menos justas da anca para baixo.

Os casacos de agasalho são enormes, com cintos folgados. Uma das criações era de «shetland» cinzento, para viagem, com cintos duplos, colocados muito baixos, dando à figura uma aparência de manta atada com correias.

Numa fuga para o campo prático, Dior lança as saias-capas, imaginadas de propósito para a mulher económica, que num abrir e fechar de olhos pode transformar um vestido rodado em esguia túnica com a respectiva «saída», bastando-lhe apenas desapertar a saia e lançá-la sobre os ombros.

Dentro desse estilo, Dior apresenta uma «toilette», em preto e cinzento, com a saia armada e bolero. Retirados estes, surge um vestido de noite, muito cingido e decotado. A saia passa a servir de capa.

À medida que as horas vão avançando, Dior vai perdendo, por seu turno, a severidade. A linha adoca-se, torna-se mais feminina e provocante. Os tecidos escolhidos são sumptuosos, cobertos de bordados e pérolas, a prata e a oiro. A «saharienne» do ano passado ressurgiu, mais comprida e mais volumosa, assemelhando-se às saias de tarlana de uma bailarina. Os decotes, mais do que generosos, deixam os ombros nus e fazem-se de flores, de plumas, de laços e de franjas — essas franjas que aparecem ainda a guarnecer a orla de uma saia, a aba de um chapéu ou a gola de um vestido.

Drapeados caem dos ombros como que por magia. Poder-se-ia afirmar que só com um pouco de cola seria possível manter, no seu lugar, as pregas fundas e hábeis de que Dior reveste as suas criações em cetim ou brocado. E a ousadia dos decotes é dissimulada graças a diversos artificios. Num lindo modelo de tafetá preto muito armado, Dior coloca três rosas, também negras, em linha assimétrica, a partir do começo do braço, de forma que a terceira vai abrir-se a meio do busto, pouco acima da cintura.

As «toilettes» rodadas são acompanhadas de amplos casacos. Para as que preferem a discreção, o costureiro parisiense criou modelos esguios, com drapés que se abrem como lâminas de tesoura, de alto a baixo. Às vezes são atados sobre o busto com minúsculo laço, afastando-se depois para revelar a saia cingida, do mesmo tecido.

Destinados à hora do «cocktail» Dior apresenta vestidos de saia a cerca de 40 centímetros do chão, ajustada à frente e rodados atrás, decotados em V até à cintura e executados em novo género de crepe rugoso. Vêm-se combinações graciosas: cetim pérola e «chiffon» cor de pêssego com bordados a fio prateado ou dourado ou a pérolas. Uma «toilette» creme, de noite coberta de lantejoulas da mesma cor e guarnecida de franjas, é usada sob um magnífico casaco de «vison» em oiro do deserto. E reaparecem as penas negras de avestruz.

A cor favorita é o preto, seguido do vermelho, dos cinzentos profundos, dos verdes e azuis. À noite juntam-se-lhes o rosa e outras cores em que predominam os tons de pastel.

Os chapéus parecem tigelas ou vasos invertidos sobre a cabeça e cobrindo os cabelos de qualquer forma. Tudo se pode usar como chapéu «espanadores» de plumas negras ombreiam a testa; ramos de camélias brancas escondem os «chinons» um vaso coberto de algas frescas acabadas de colher numa rocha à beira-mar, ostenta uma

Quem lava deve saber

Modo de lavar as chitas e fazendas sem que desbotem

Deixam-se as chitas e fazendas em água pura algum tempo e mergulham-se, em seguida, numa forte dissolução de sabão. Lavam-se de novo em água pura. Por este meio evita-se o estrago que produz nos desenhos o ensaboamento feito com sabão.

Para as cores amarelo, verde e outras que facilmente se alteram, é conveniente juntar ao banho algumas gotas de sumo de limão ou vinagre forte.

Manchas de suor

As manchas de suor tiram-se, dos tecidos laváveis, com água e sabão. Se ficar alguma marca amarelada use, então, água oxigenada.

Limpeza do vestuário

É difícil encontrar uma jovem mãe que não se queixe de ter os seus vestidos sujos com leite, quer porque este se solta, quer, por que o bebé o bolsa.

Um processo simples de os limpar é esfregar o sítio onde o leite caiu com um pano ou algodão bem molhado em álcool a 90 graus.

Processo para tirar os pêlos de cão ou de gato, à roupa

Acontece muitas vezes que um cão ou um gato roçando-se pelo fato dei-

xa neles pêlos, que produzem um mau efeito. Não é raro perder-se a paciência a escovar o fato sem resultado.

Há, contudo, um meio bem fácil de se chegar ao fim desejado. Consiste em passar pelas sedas da escova um pano humedecido e escovar o fato, em seguida. Os pêlos saem como por encanto.

O saber

não ocupa lugar

Que significação tem o anel de casamento e outros costumes que fazem parte das cerimónias nupciais?

A maior parte dos usos que acompanham de perto o acto religioso com que a Igreja abençoa o matrimónio, são uma recordação das épocas primitivas. Quando o homem que desejava casar-se raptava a mulher preferida, não regressava à tribo sem ter obtido o consentimento dos parentes. O padrinho pode considerar-se como o representante do amigo que auxiliou o guerreiro selvagem a praticar o rapto. O anel simboliza os laços com que a mulher era atada para que não pudesse voltar à casa paterna e a lua-de-mel indica o tempo que o raptor vivia afastado do mundo, somente acompanhado pela esposa, até conseguir juntar os bens suficientes para indemnizar os pais do rapto da filha.

Visado pela censura

Conselhos DE beleza

O ROSTO - SUA LIMPEZA

É coisa sabida que os poros da pele devem estar sempre bem desobstruídos para que desempenhem bem as suas funções. A lavagem da pele é, pois, o único e excelente meio de os desembaraçar das secreções que neles se acumulam.

É, contudo, preciso tomar certas precauções quando lavarmos o rosto.

Se o sentirmos demasiado quente, deve ser quente a água em que nos lavamos. É o meio de fazer cessar a congestão das partes afectadas pelo fluxo do sangue.

Depois de enxugar o rosto suavemente com uma toalha fina, é conveniente passar pelas faces um arminho com pó d'arroz puro, sem perfume de qualidade alguma.

As abluções do rosto não devem ser feitas frequentemente durante o dia.

Graças de Santa Filomena

A menina Maria da Conceição Sá Barros, de 11 anos, de Caldelas, filha de Domingos de Sá Barros e de Maria Josefa da Silva Baptista de Sá, desde há muito que sofria duma paralisia infantil, proveniente de um forte ataque.

Tinha há mais de um ano uma perna mais curta do que outra. Recorre fervorosamente a Santa Filomena, faz-lhe juntamente com toda a sua família uma piedosa novena; comunga várias vezes, e agora acha-se completamente curada. Vem à sede da Arquiconfraria agradecer esta grande graça, oferece-lhe os seus brincos que trazia e acha-se radiante de alegria. Entra para a Associação; recebe a patente de admissão com o n.º 3.488 e propaga por toda a parte, a devoção e o culto de Santa Filomena.

Chora de alegria, e comove toda a gente que tem o prazer de a escutar. Demos graças a Deus.

— Maria do Sameiro Mendes Antunes, uma menina de 14 anos, moradora no Largo 1.º de Dezembro n.º 45, da cidade de Braga, também entrou para a Arquiconfraria de Santa Filomena com o n.º 3.489 porque acaba de receber insignes favores celestes por intermédio desta Gloriosa Santa; sentiu-se muito mal; já há 15 dias que nada comia; estava com insónias e perturbações que metia dó, e agora sente-se bem, normal, contente e feliz, veio cumprir a sua promessa no dia da festa de Santa Filomena em Prozelos, oferecendo-lhe vários objectos e lembranças; uma apostola desta Santa, que hoje, como sempre, é toda poderosa junto de Deus.

“David,, Cabeleireiro



Minhas Senhoras:

Este é o moderno
salão que deve
preferir.

Av. Marechal Go-
mes da Costa

N.º 754-2.º (com elevador)

BRAGA

rosa vermelha e inclina-se provocantemente ao lado ao passo que um véu de odalisca, de «lamé» prateado, sobre a cabeça e os ombros de um modelo para a noite.

TRIBUNA do CONCELHO

Novos assinantes

O nosso estimado assinante sr. Augusto Rodrigues de Macedo, teve a amabilidade de nos indicar o sr. Artur Antunes Ribeiro, nosso conterrâneo da freguesia de Fiscal, para novo assinante o que com todo o prazer fizemos.

Já lhe enviamos o número anterior do nosso jornal.

* * *

Recebemos carta do sr. Francisco Pinheiro, nosso conterrâneo da freguesia de Besteiros, a pedir a sua inscrição como novo assinante.

Quanto às condições que pede, já lhe enviamos as quais já devem estar de sua posse.

* * *

Pelo nosso estimado correspondente em Bouro, sr. António Fernandes, foram-nos indicado para novos assinantes os srs. Ernesto de Oliveira, digníssimo fiscal da Hica, na Barragem de Paradelá do Rio, e Dr. Camilo Batista de Sousa, da cidade do Porto.

Conforme seu pedido já enviamos o número anterior do nosso jornal.

* * *

Mais uma vez o nosso delegado em Caracas, Venezuela, sr. José Carlos Caldas, indica-nos dois novos assinantes os srs. Carlos Francisco da Silva e Domingos José Marques, respectivamente, naturais de Goães e Paredes Secas, e actualmente a residir em Caracas, Venezuela.

A todos que se dignaram indicar-nos novos assinantes, os nossos vivos agradecimentos.

Figueiredo

Envolveram-se em desordem Silvério da Silva Fernandes, casado, jornalista, residente no lugar de Real, da freguesia de Figueiredo e Augusto Gomes, casado, caseiro, do lugar da Venda, Figueiredo.

Da desordem, ficou ferido o Silvério.

Portela

Domingos Gomes de Almeida, casado, de 60 anos, lavrador, de Portela, foi agredido por Manuel dos Santos Pereira, casado, proprietário, residente no lugar do Sernado, Portela.

Da agressão resultou que o Domingos ficou ferido e impossibilitado de andar.

Saída dos Bombeiros Voluntários

No passado dia 27 do corrente mês de Agosto, pelas 13,30 a ambulância dos Bombeiros Voluntários de Amares, prestou socorro e conduziu, das margens do Cávado, no sítio denominado de Ombra, para a sua residência em Soutelo, do concelho de Vila Verde, o sr. José Szabo, de 31 anos, de idade, filho do conhecido desportista sr. José Szabo e da Ex.ma sr.a D. Ana Novak Szabo, que tinha sofrido fractura de uma perna.

O piquete foi dirigido pelo chefe Afonso.

Para o Canadá

Parte, amanhã, para o Canadá, o nosso particular amigo e assinante deste jornal, sr. António José da Costa Machado.

«Tribuna Livre» num protesto de sincera amizade, associa-se à festa de despedida que os seus amigos lhe promovem.

Boa viagem.

Vida elegante

Aniversários

Amanhã, completa 62 anos de idade, a sr.a D. Guelhermina de Jesus Macedo.

Segunda-feira—O menino Rui Manuel Arantes Rodrigues.

Quinta-feira—A sr.a D. Mariette da Barros Azevedo e a gentil menina Marília de Barros Azevedo.

Sábado—As sr.as D. Maria Judite Gonçalves Macedo e Lúcia Martins Dias; e os srs. José Joaquim Leite e Alberto Dias Antunes.

* * *

Completo, na passada sexta-feira, as suas 32 risinhas primaveras o nosso estimado assinante sr. Joaquim Ferreira dos Santos, representante da Singer, na Póvoa de Varzim.

A família residente na Feira Nova, deseja-lhe muitas felicidades.

De visita

A passar uns dias, encontram-se em casa de seu cunhado sr. Manuel Augusto Dias Paredes, de Carracedo: a Ex.ma sr.a D. Amélia Ferreira de Figueiredo, e seu marido sr. Oscar de Oliveira Figueiredo, empregado superior da Confeitaria Cunha e seu filho sr. Adelino José Ferreira e Figueiredo, empregado na Companhia de Seguros «Tranquilidade», do Porto.

BOURO

Santuário de Nossa Senhora da Abadia

Continua a verificar-se elevada concorrência de peregrinos, ao maravilhoso Santuário de Nossa Senhora da Abadia.

São em grande número os autocarros, que todos os Domingos sobem até junto daquele Santuário, transportando pessoas de todas as camadas sociais, as quais vêm solicitar Graças da Virgem da Senhora da Abadia.

A Mesa Administrativa, está deveras empenhada em ver concluídas as obras em projecto, que serão na verdade uns importantes melhoramentos para o Santuário.

A planta das obras a realizar, está exposta à entrada principal da Igreja, a qual nos ilucida dos melhoramentos projectados.

Quere-nos até parecer que a Ex.ma Confraria, pediu já a participação do Estado, para o alargamento e devida reparação que necessitam as estradas de acesso, que após reparadas, muito irão beneficiar o Santuário.

Que tudo se realize no mais curto espaço de tempo, para que os nossos olhos possam orgulhar-se de ver o maravilhoso Santuário da Abadia, ocupando o lugar que realmente merece.

Emigrante para o Brasil

Com destino ao Brasil, partiu no passado dia 24, o nosso conterrâneo e particular amigo sr. Armindo Carneiro Fernandes, filho do sr. Narcizo Fernandes, assinante deste jornal, que pelas suas excelentes qualidades e grau de habilitações que possui, fácil lhe será singrar na vida, constituindo assim a aspiração de todos os seus camaradas.

«Tribuna Livre» em colaboração com os seus inúmeros amigos, deseja ao emigrante, uma boa viagem e muitas felicidades em Terras de Santa Cruz.

Para Lisboa

Após ter completado 30 dias de bem merecidas férias, regressou a Lisboa o nosso particular amigo e assinante deste jornal, sr. Francisco Marques, acompanhado de sua esposa e filhinho, a quem desejamos que tivessem feito uma boa viagem e muitas felicidades.

Entretanto sr. Francisco Marques, os seus conterrâneos amigos cá o esperam no próximo ano, certos que não faltará,

A. Fernandes

LAGO

Aniversário natalício

No passado dia 30 do mês corrente, festejou o aniversário natalício, o Ex.mo sr. António de Oliveira e Silva, distinto aluno do 2.º ano da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, filho do Ex.mo sr. Domingos M. da Silva, ilustre autor da Monografia, que se encontra a passar as férias nesta freguesia de Lago, com seus pais.

A «Tribuna Livre», que tem recebido deste distinto estudante, muito boa colaboração, com os desenhos que ilustram a Monografia, associa-se à sua festa de família e deseja-lhe muitas felicidades.

Desordem numa taberna

Na taberna de Miguel Gomes, envolveram-se em desordem Manuel José Correia, casado, jornalista, da freguesia de Lago e Manuel Alves Fernandes, solteiro, de Lago, ficando ferido o Manuel José Correia.

DE BOURO Cantinas escolares

(Continuação da 1.ª pág.)

um ferrete de ignomínia cínicamente se cravou na fama deste povo tão honrado, tão laborioso, mas tão ultrajado e sofrido. No entanto o ter-se malogrado tão bela o prometedora iniciativa, de maneira alguma desmereceu da sua necessidade. Esta, antes pelo contrário, cada vez, mais se evidencia.

Os pobres também são nossos irmãos, têm os mesmos direitos que nós. Como nós, precisam de ser educados, instruídos e preparados para a vida do trabalho, da dignidade; e não o poderão ser sem que junto às nossas escolas exista uma cantina escolar.

E o certo é que, apesar de tudo, ninguém mais se tem interessado pela sua fundação, ninguém mais se tem lembrado de que há entre nós infelizes, desgraçados na miserável situação de estarem privados de educação, daquele sagrado direito que mais enobrece o homem.

Mais uma vez apelo para vós, povo de Bouro, no sentido de que trabalheis por dotar as nossas escolas com cantina escolar, abastecimento de água e instalações sanitárias. São necessidades prementes que muito urge remediar. Mais além destas, e tão calamitosas, outras há que,

Besteiros

Na Guarda Nacional Republicana, queixou-se Maria de Almeida, viuva, de 47 anos, do Arcal, Besteiros, contra Virgílio Gonçalves Dias, casado, 32 anos, da mesma freguesia, por este a ter agredido.

Da agressão, a Maria ficou ferida na face.

igualmente, atenção e solução reclamam.

E quem há que cuide de lhes dar remédio? Quem há que trate do aproveitamento dos nossos maninhos e da sua indispensável arborização? Quem cuida da reparação dos nossos quase intratáveis caminhos? Quem se interessa pelo magno problema da mendicidade? Quem pensa a sério do arrançamento e aformoseamento da nossa «sala de visitas»? E... electricidade, água, lavadouros, etc. etc.

Rapazes, novos de Bouro, não consentais em mais vergonhosas afrontas à nossa terra! Amai-a, defendei-a sacrificai-vos por ela! Procurai conhecer os homens, lembrai-vos de que «nem tudo o que luz é ouro» Bouro conta convosco, reclama a vossa acção, o vosso dinamismo em prol do bem comum!

Que os vindouros vos possam louvar e que os vossos filhos se revejam orgulhosos nos feitos que enobrecem os vossos nomes.

AFÁ

HUMORISMO

Valcu-lhe não saber inglês...

—Vês aquele homem que ali vai?

É inglês e há dias pregou-me duas bofetadas!...

—E tu que fizeste?

—Eu... como não sei inglês... fiz que o não entendia.

Duas inocências

Viram dois pequenitos num painel em que estavam representados Adão e Eva antes do pecado, e por consequência vestidos unicamente da graça divina.

—O' mano, perguntou a menina, qual é o marido e qual é a mulher?

—Como queres tu que eu saiba se eles não estão vestidos.

Visão comercial

—O tónico capilar que me vendeu fez-me cair o cabelo todo.

—Perfeitamente. É para arranjar espaço para o que lhe vai agora nascer.

Ainda o magno problema da irrigação

(Continuação da 1.ª página)

riam os proprietários interessados a amortizar a dívida em vinte anos ou mais, e toda paga, neste prazo ou noutro mais curto, ficaria a ser inteiramente pertença da lavoura interessada.

O essencial seria uma dúzia de lavradores reunir-se e expor à Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, com vista a assentar-se no melhor caminho a seguir, mas estamos certos de que uma destas modalidades levaria, seguramente, à execução da obra, sem encargos demasiadamente pesados à agricultura.

Criada a entidade própria para tratar com as instâncias oficiais, para já uma comissão de proprietários e depois a falada cooperativa, requereria assistência técnica e financeira para o empreendimento.

Tudo seria metódicamente estudado pelos técnicos do Estado e não se tenha medo à burocracia, porque ela, se em alguns casos é arrelhadora e despida de sentido prático, aqui, neste importante caso, nada se fará sem a sua contribuição.

Há que enveredar imediatamente pelo caminho da consulta, depois de constituída a mencionada comissão, e a seu tempo obter-se-ão os dados necessários e o conselho prudente de quem tem grande experiência destes assuntos.

Feito o estudo competente, verificada a viabilidade da obra e o montante do seu custo, contributo valiosíssimo da assistência técnica fornecida pela Direcção Geral dos Serviços Agrícolas ou pela Junta de Colonização Interna, o resto seria fácil com a criação da citada cooperativa.

Sabemos que os projectos de irrigação merecem o melhor acolhimento por parte da Junta de Colonização Interna, repartição esta que, a par da assistência financeira fornece, gratuitamente, assistência técnica aos empreendimentos que financia.

O juro é de 2% apenas, a amortização pode ser feita em 30 anos, prazo máximo, mas que aqui não seria necessário aproveitar totalmente, ainda

com a vantagem de estas amortizações só serem iniciais das no ano seguinte à conclusão da obra.

Não nos devemos esquecer de que temos um Grémio da Lavoura que poderia patrocinar este empreendimento e competir-lhe-ia mesmo intervir como elemento aglutinador deste movimento que se esboça e que poderá esmorecer, se não tiver quem lhe dê ânimo e sobretudo forma executiva, como acabamos de relatar, procurando novas modalidades, se as apontadas não resultarem.

Se é negável que se torna necessário prosseguir nesta iniciativa, respondam à chamada os homens da lavoura e defendam os seus interesses, porque ficarão defendidos também os de todo o concelho de Amares, com uma considerável melhoria de vida, de que bem necessita.

Não se deve ainda ignorar que este melhoramento interessa, pelo menos, a mais dois concelhos vizinhos, os de Póvoa de Lanhoso e Braga, e talvez o plano devesse ser estudado em conjunto, pois ficaria mais económico e daria à obra fotos de tal magnitude que a imporia à economia da região. Os três concelhos em conjunto, dar-lhe-iam assistência e condições de viabilidade muito favoráveis, que redundariam em pleno êxito.

Mas não vá o alargamento da ideia tolher o empreendimento!

Trate o nosso Concelho do assunto, que o resto virá, certamente, por acréscimo.

EME

Assinai e propagai
A
«Tribuna Livre»



VIDA POR VIDA

No passado dia 20 de Agosto corrente, voltou a sair, como noticiamos, um piquete dos Bombeiros Voluntários de Amares, para angariação de fundos com vista às grandes realizações do ano jubilar.

O resultado desta angariação foi de . . . 405,890
Angariação anterior . . . 1.445,800
Manuel Veloso . . . 15,800
Soma . . . 1.865,890

Acompanharam este piquete as gentis meninas: Janela, Martins, Julieta, Pereira, Carolina, e Fátima.

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª pág.)

ra não seja regado antes, o terreno, para evitar as nuvens de poeira que afligem as pessoas que transitam de um para outro lado.

Ainda há dias um grupo de excursionistas que se estavam a fotografar junto do nosso monumento aos mortos da Grande Guerra, tiveram que fugir espavoridos de uma poeira ciclónica e ir posar para junto da cadeia comarcã.

Não será possível, antes de varrer, dar uma regadelinha ao terreno?

Inspecções Militares

Estão quase no seu termo as inspecções militares do concelho. Segundo nos consta a percentagem dos apurados deste ano, é superior aos anos transactos.

Banda Marcial de Vila Verde

Deslocou-se a Monção, nos dias 24 e 25 do corrente, a nossa Banda de música que ali foi abrilhantar as festas do concelho, conjuntamente com a também afamada Banda de Pejão.

A Banda de Vila Verde foi delirantemente aplaudida, como nos anos anteriores, o que prova o conceito em que é tida tanto no País como no estrangeiro.

João Manuel da Costa e Silva

Ocorreu no passada 4.ª feira, o seu aniversário natalício do sr. João Manuel da Costa e Silva, nosso conterrâneo e actualmente no Porto.

Os seus amigos prestaram-lhe uma sincera homenagem oferecendo-lhe um lauto almoço em sua honra.

O NOSSO Património Histórico

(Continuação da 1.ª página)

presente desfeito, e de extraordinário valor para o futuro em que as coisas do espirito contarão muito mais.

É confrangedor verificar-se a existência de preciosos livros e manuscritos, com páginas criminosamente arrancadas, e pedras e brasões das mais nobres casas do Concelho, empregadas como granito ordinário na construção de muros e valados.

No cemitério de Ferreiros, existem duas pedras sepulcrais de transcendente valor histórico onde se vêm os leões do Brasão dos Vasconcelos; na Quinta de Sant'Ana em Betteiros, brasões e pedras históricas, na capela e casa da Levada, nos mosteiros de Bouro e Rendufe, na Tapada, na igreja de Carrazedo e dispersos por inúmeras propriedades e casas particulares, tantos outros que dariam para organizar um verdadeiro museu de antiguidades e relíquias históricas de transcendente valor.

As próprias ruínas do Solar de Vasconcelos devem ser acuteladas, os terrenos que a circundam adquiridos, tentada a sua reconstrução e tornado acessível a automóveis o caminho que ali conduz. Devia ainda ser aformoseado todo o perímetro em volta do Castelo e da Capelinha de Santa Luzia, de forma que os peregrinos e romeiros que ali se deslocam para orar e levar as suas oferendas a tão Milagrosa Santa, também pudessem visitar o lugar histórico mais sagrado, dos nossos maiores antepassados, e ajoelhar nesse altar da Pátria.

Com todos estes espécimes e recordações do presente e do passado, iremos formando, para os vindouros, um novo pensamento histórico.

Ali poderiam a presente e futuras gerações, ir buscar os ensinamentos, brio, patriotismo e dinamismo, que irradiam dessas relíquias, e até o entusiasmo, tão necessário para que nos libertemos do letargo criminoso em que nos encontramos, puro complexo de inferioridade.

A esses homens, lugares e recordações históricas, devemos ir buscar a tempera desses grandes, que tão alto levantaram o nome sagrado de Portugal.

Se neste aspecto cultural, tão altruísta como necessário, alguma coisa se houvesse feito no passado, não assistíamos ao paradoxo de, sendo senhores de tão grande passado histórico, de casas e brasões ilustres, ganhos por mercê de feitos à Pátria, nas letras, nos campos de batalha e nas caravelas, ter umas armas do concelho onde os nossos estudiosos não conseguiram arranjar outro motivo que não fosse laranjeiras e milho, como que se tratasse dum simples sindicato de lavradores.

Tais armas são uma afronta

ao nosso grande passado e um desrespeito por esses filhos ilustres que desde a fundação da Nacionalidade, em feitos extraordinários à Pátria e de carácter de antes quebrar que torcer, tanto a dignificaram.

Pelas razões aqui apontadas e perante o abandono a que estão voltadas estas e outras realizações a que urge lançar mão, mais se avoluma a necessidade de ser constituída uma comissão de melhoramentos, que, obtendo das autoridades, todas as facilidades e auxílio, vá cuidando deste e outros grandes problemas que necessitam de urgente solução de forma que, embora não possamos de momento acompanhar o ritmo de progresso e cultura dos principais Concelhos porque aqui tudo é preciso começar de novo. Não deixemos, pelo menos, perder o que ainda existe, como primeiro passo para o ressurgir duma consciência nova.

Paulo Macedo

Falecimentos

Emílio Barbosa

Na sua residência, faleceu no passado domingo, dia 25, confortado com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja, o sr. Emílio Barbosa, que exercia a profissão de alfaiate desde há muitos anos.

O seu falecimento causou a maior consternação entre todos, não só pelo desenlace inesperado, como também pela grande consideração em que era tido.

O seu funeral, teve lugar no dia 27 passado, para a igreja matriz.

A família enlutada, apresenta «Tribuna Livre» as suas condolências.

Quitéria da Silva e Sousa

Também na sua residência, faleceu a sr.ª D. Quitéria da Silva e Sousa, viúva, nesta freguesia de Ferreiros, deste concelho.

O seu funeral realizou-se no passado domingo, dia 25, para a Igreja da freguesia de Proselo, onde foi sepultada no cemitério local.

«Tribuna Livre» apresenta a toda a família os seus pêsames.

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quiosque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

Companhia de Seguros «ATLAS»

Efectua seguros em todos os ramos
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

Album de coisas várias

Deitado de costas e com a cabeça apoiada num montículo de areia, escrevo a lápis, estendendo a folha de costaneira, sobre a capa dum livro grosso que trouxe de casa. A pouca distância, o sobrinheiro de quase dois anos de idade, irrequieto e traquina, tenta ferir o mar com pedritas, enquanto a tia mais nova lê e a Bernardina — os olhos da minha alma e o enlevo do meu coração! — se atarefa com o enxoval, que o casamento está próximo e o tempo urge.

* * *

De quando em quando páro, pois que o Toni, infrutíferas que viu todas as arremetidas contra o mar, se abeira de mim, tentando escanchar as pernitadas roliças e morenas, de modo a sentar-se no meu peito, ou querendo pegar nos cigarros, ou nos fósforos, ou no lápis.

Há quatro dias que me encontro em férias, passando as manhãs na praia, na do Norte, em Viana do Castelo. A montureira que aqui encontrei o ano passado cresceu ainda mais, e pelo estado de abandono, e pela porcaria que por aqui se despaja neste mal aproveitado local, fácil me é concluir do sono plácido e sagrado de quem devia estar desperto para olhar por estas coisas dadas gratuitamente pela Natureza. Quantas vezes eu tenho pensado, suspirando; ai! que outras maravilhosas coisas fazia António Santos da Cunha se

Braga usufruisse duma costa como V. do Castelo! Que coisas ele faria, santo Deus! Mas cala-te boca, que pouco adiantas com lamechas..., que o mais que te pode acontecer é dizerem-te vilipendiosa!

* * *

Gosto, no entanto, deste sítio, mesmo com lixeira e sarçaço mal cheiroso, e pedras, e vidros e latas furando a areia. Gosto eu e outros que por aqui passam as manhãs, porque o sol aqui é salutar e o ar carregado de terapêutico iodo.

Disseram-me, já aqui em Viana, num destes últimos dias, que os proprietários dos Estaleiros Navais vão chamar ao seu cuidado o aproveitamento parcial da praia Norte. Eu não sei se isto é verdade, mas folguei imenso em ouvir sobre tal, dado que alguma coisa se pretende fazer de bom e útil, para o que se mostra, pelo menos, boa vontade.

* * *

Seria óptimo que o segredo se tornasse realidade, e que fosse como me disseram por iniciativa dos senhores dos Estaleiros, com o que alargariam um pouco mais as suas actividades sociais, neste caso acrescidas de notável atitude cidadã.

Os nossos industriais muito podem fazer. Assim o queiram. Embora em primeiro lugar se lhes imponha a obra de defesa, saúde e bem-estar

CONDIÇÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas
Semestre . . . 25\$00
Ano 50\$00

Ultramar e Brasil
(Por avião)
Semestre . . . 91\$00
Ano 182\$00

(Via marítima)
Semestre . . . 40\$00
Ano 80\$00

Estrangeiro
(Por avião)
Semestre . . . 115\$00
Ano 230\$00

(Via marítima)
Semestre . . . 60\$00
Ano 120\$00

Lede e assinai «Tribuna Livre»

de todos aqueles que trabalham nas suas empresas, isso não impede que a sua acção se estenda à política municipal da região, que, como a de Viana, muito necessita dos seus benefícios.

* * *

O sol hoje não apareceu, e a atmosfera está carregada de neblina. A maré, barulhenta e odorífera, está a encher, e os rochedos há pouco descobertos foram já engolidos. Não está sol e eu não tomarei hoje o meu banho.

J. Monteiro (Jorge)

RECORTES

Secção de ODECAM

Sonetos inspirados na moral de Pythagoras

Tudo é vaidade

*A alma do homem se torna egoísta e má
Porque a impiedade de hoje é sua escola,
Essa, que no Evangelho se acrysolou,
Caridade christã, onde é que está?*

*Capazes, hoje em dia, poucos há
Dessa piedade rara que consola,
E os olhos fecha para dar a esmola,
Afim de que não nega a quem a dá.*

*Sêde piedosos, Bemaventurados
Os que fazem o bem de olhos fechados,
Pois a esmola é só fútil e eficaz,*

*Só tem justo valor, sem damno ou perda,
Se não chega a saber, a mão esquerda
O benefício que a direita faz.*

Perfeição

(A uma Santa)

*Foge, sem ódio, ao mal; o bem pratica;
Se a dor lhe dóe, cuida-a gostosa e boa,
Ou faz, então, como que ella lhe não doa;
Na pobreza em que está, julga-se rica,*

*O mal sabe que passa, o bem, que fica,
Por isso o bem acolhe e o mal perdoa;
Quanto mais vive, mais se aperfeiçoa,
Quanto mais sofre, mais se glorifica.*

*Por essa alta moral os actos regra;
Em nenhum outro esforço em não se cança.
Por nenhum outro ideal se bate em mão.*

*É feliz, mais feliz, porque se alegra,
Não com o pouco que a sua mão alcança,
Porém, com o muito que já tem na mão.*

FRANCISCA JUGIA DA SILVA

S. PAULO
(INEDITO)

Folhetim da "Tribuna Livre,, 35

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

O que quase podia garantir é que nunca encontraste lá por essas terras civilizadas uma rapariga tão bonita e alegre como a Maria Teresa — a prova está em que foi ela que te prendeu pelo beicinho...

— Até logo e muitas felicidades.

E fica ciente que disseste a verdade.

Só a Maria Teresa era capaz de me prender tão depressa e bem.

A Ermelinda fora a última irmã que o José visitara antes de ir falar com os pais da Maria Teresa.

Depois de se despedir e de beijar os dois sobrinheiros, tomou a direcção do lugar do Monte e pouco depois chegou a casa do tio Francisco, estando já, à sua espera, no terreiro, a noiva, a Maria Teresa.

— Boa tarde, pequena.

— Boa tarde, pequeno.

— Sou mais alto do que tu...

— Olha que a diferença não é de metro...

— Felizmente.

— Para mim.

— Por?...

Se tivesses mais um metro de altura não casava contigo.

— Porquê?

— Porque tinha de andar sempre com uma escada aos ombros.

— É para que era a escada?

— Para com o seu auxílio te poder beijar...

— Tu sempre tens cada uma que parecem duas!

— Olha lá o teu pai está em casa?

— A espera que lhe vão pedir a mão da filha...

— E a filha consentirá que lhe peçam a mão?

— Até que lhe peçam as duas, se for preciso!

— Eu contento-me com pouco; basta que consinta que me dêm

uma, a mão direita...

— Pois sim! Tu pedes só a mão direita e depois levaste a filha toda...

— E toda ela não é muito...

— Ela não cresceu mais, é de raça "minorca"...

— Estou a brincar! É mais que suficiente, era, assim, que eu a desejava e quero!

— Então vai ver se serás bem sucedido na pretensão.

— E tu não vens?

— Espero que me chamem depois para ouvirem e acatarem a minha opinião.

— Acompanha-me, pelo menos, até lá dentro.

— Não. Bate à porta.

— E os cães?

— Quando abrem a boia não mordem.

— O meu receio não é esse.

— Então qual é?

— É quando fecham a boca...

— Vai descansado que prendi-os na cabana.

— Já podias ter dito isso há mais tempo.

— Era para ver a tua coragem.

— E os teus pais estão de bom humor?

— Vai sem receio...

— O tio Francisco não bate?

— Vai sem medo, que eu já escondi todas as trancas.

— E não terá lá, à mão, algum fueiro da lenha?

— Não, só tem os ferros da cama!

— Oh! diabo, isso ainda é pior!

E então se está de má catadura!

— Por causa das dúvidas mandei soldar os ferros à cama.

Vai embora e tens tempo, logo, de falar...

O José dirigiu-se para a porta da sala e bateu três vezes:

Truz! Truz! Truz!

— Entre quem é — respondera uma voz masculina, bem timbrada da parte de dentro.

O José empurrou a porta e do limiar perguntou:

— Dá licença, tio Francisco?

— Entra.

— Então boa tarde!

— Boa tarde, José.

Como tens passado, rapaz?

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

e selou com o signo da Cruz redentora a elevar-se por toda a parte altaneira, a abençoar a terra, dos vértices dos montes e das igrejas, ou à beira dos caminhos do tópo dos canastros ou entre guardas na fachada do solar fidalgo ou do modesto casal agrícola; que o guerreiro viu e beijou, antes da batalha, na semelhança do punho da sua espada; que o bom lavrador traçava sobre a frente erguida para o sol que mal despontava, antes de começar o seu trabalho e depois deixava impressa na terra remexida ao terminar da sementeira; que a diligente e nobre mãe de família rural imprimia sobre a massa a levedar no fundo da masseira, donde sai, ensopado no suor do rosto do companheiro incansável de todas as horas, o pão que sustenta, há tantos séculos, o lar cristão das nossas aldeias, fonte perene e vivificadora da grande massa social, em suas mais profundas raízes e tradições.

* * *

Se nos decidirmos a ir ao encontro das nossas aldeias, em meio curso da sua existência, e seja aí por alturas da fundação da Nacionalidade, o quadro que se nos depara, se sob o ponto, de vista moral é de plena força e pujança, na perfeita, unidade de deminutas populações que se movimentavam em tórno das primitivas *ermidas* ou velhas *abadias* de que nestas terras uma sobrevive por menória, monumento e tradição; que uma atmosfera de desânimos e incertezas vinha a dominar através de anos e séculos em que quase exclusivamente puderam contar com o conforto espiritual que da Religião lhes assistia, por outro lado o sensível atraso material é deveras conflagrador; mas no meio dessas dificuldades temporais que, curtem as almas, é que se desenvolveu a Fé inabalável de nossos maiores, ao lançarem os fundamentos de uma Obra imperecível.

As constantes razias com que o inimigo de todos os lados periódicamente infestava os campos, a provocar um ambiente de teimosa perseguição; no meio dela a ideia que por volta do ano mil alastrara tão impiedosamente na retrógrada mentalidade de um século tão rudemente atormentado de desgraça e desolação — de que se azizinhava o fim do mundo — o povo deixou geralmente de trabalhar, recolheu-se a conventos e a lugares desertos, a rezar, a fazer penitência.

A fome, com todas as demais clamidades, não se fez esperar.

Superiormente, a Igreja esforçou-se inutilmente por dissipar na imaginação dos povos, desvairados pelo infortúnio, a nociva convicção, impondo-lhes a certeza de que o sangue, derramado no cimo do Gólgota, tinha forçosamente, de contar muitos mais séculos de redenção; não foi porém, em vão que essas desventuradas gerações levantaram para o Céu angustiosos clamores.

Se o século XI foi ainda tão gravemente atingido pela medonha tempestade que antes se desencadeara, a poder da insistente pressão das incursões árabes que flagelaram este noroeste peninsular até às portas de Compostela, esses detestados elementos — a infiel moirama — que depois escorregava por estes montes num ódio de feroz exterminio a todas as igrejas, santuários, instituições e reductos cristãos, logo esse mesmo Céu começou a varrer-se das nuvens negras e a descortinar-se no horizonte uma aurora de esperança.

É certo que o período heróico da fundação da Nacionalidade, o qual alcança Afonso III, desviou ainda dos campos o braço do trabalhador, no esforço da necessária consolidação, mas as Inquirições de Afonso II, já anteriormente nos dão inteiro testemunho da profunda organização paroquial que aqui vigorava, tão perfeita na essência como hoje a encontramos.

Se até aí as populações acudiam no frequente *apelido* de guerra, daí para cá começou a obra de ressurgimento e construção; o que estava feito serviu de padrão ao que houve de fazer-se nas terras reconquistadas para o sul, graças a medidas, de inteligentes monarcas, desde a concessão de forais há instituição de feiras e mercados e chamamento dos representantes do povo às cortes gerais; aos métodos reveladamente impulsadores do rei-lavrador.

Em meio da sua distracção, o homem de hoje, por muito mesmo que se lhe descreva e diga, está geralmente longe de calcular quanta abnegação e sacrifício custou a seus antepassados a terra que pisa, aos pés, sulcada e regada de suor e lágrimas de pretéritas gerações, todas empenhadas por brío e honra na guarda e defesa da sua posse; no trabalho que a valorizou e embelezou ao ponto em que se encontra em nossos dias.

(Continua no próximo número)

Tribuna de VILA VERDE

Venda de peixe no mercado Municipal

Chegam aos nossos ouvidos constantes clamores pela forma alusiva como se apresentam no mercado certas donas de casa, que julgam que o mundo é aó delas.

Para podermos aquilatar a veracidade destes clamores, deslocamo-nos ao mercado, e constatamos que voltamos ao período das bichas, mas desta vez, em lugar de serem bichas de gente, são bichas de saquinhos e de embrulhos de papel que aguardam ali a sua vez — alguns desde as 2 e 3 horas da manhã — que cheguem as suas donas, exceptuando 2 criaditas sem sorte, que para ali são mandadas descalças, chova ou faça vento, até que cheguem as suas desapiedadas patroas.

Ora isto não está certo, por que nem os sacos nem os papais, tomam lugar à porta dos estabelecimentos de venda ao publico, e as bichas não existem já, felizmente, há muito tempo.

Queremos com isto dizer que a continuar este estado de coisas, todas as pessoas que necessitam de peixe, têm que ir para o mercado de venda, à meia noite, para não ficar a zero e acontecer que, depois dos sacos aviados o resto dos compradores fiquem a roer as extremidades dos animais que vão para o matadouro.

É bem verdade que há que respeitar algumas pessoas de elevada categoria social, mas as restantes, devem alinhar à porta do posto de venda, à medida que vão chegando.

Só assim é que a «coiza» seguirá bem e acabará para sempre a falta de educação que se nota neste capítulo, porque nos outros capítulos já não nos causa estranheza. Pedimos providências a quem de direito.

Deliberações da Câmara Municipal de Vila Verde

em sua sessão ordinária de 22 de Agosto de 1957

Offícios

Da Direcção Geral dos Serviços Eléctricos, comunicando ter-se promovido já a concessão da participação para a electrificação das freguesias de Duas Igrejas, Azões, Rio Mau, Goães, Portela e Marrancos, tendo ficado para o próximo ano a electrificação das freguesias de Sande, Coucieiro e Ponte S. Vicente.

—Da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, declarando ser abatida a verba de esc. 30.000\$00 em virtude dos trabalhos a realizar, depender da revisão do antepiano ainda por aprovar.

Licença para obras

A João Dias, de Paçô, para atravessar o caminho público

com uma canalização subterrânea.

—A Paulo Alves, de Mós, para substituir uma canalização de Grês.

—A José Gomes de Menezes, de Cabanelas, para construir uma varanda junto do caminho público.

Falecimentos

No dia 19 do corrente, faleceu o menino Luiz Gonzaga Faria Santos, filho querido do nosso particular amigo José Silva Santos, muito conceituado comerciante da nossa praça.

A família enlutada apresenta «Tribuna de Vila Verde» os seus sentidos pêsames.

— Também no dia 23 do corrente, faleceu a sr.a D. Ma-

ria Lago Faria, distinta professora de Posto de Ensino, solteira, natural desta vila. A sua morte que foi sentida por toda a gente, deixou na maior consternação sua família.

A sua mãe e irmãos bem como a toda a família da extinta, apresenta, «Tribuna de Vila Verde», os seus sentidos pêsames.

Limpeza da Vila

É de louvar a deliberação da nossa Edilidade pela limpeza a que tem mandado proceder na séde do concelho, tomando a vila aspectos de terra civilizada. Pena é que, a par da sua intensa varredura

(Continua na 4.ª página)

Tempestade e Bonança

A um revoltado

I

Também eu, como tu, senti um dia
Ganas de apunhalar a humanidade!...
Humano sendo eu, eu só queria
Reter nas minhas mãos a tempestade...

Eolo ser p'ra comandar os ventos;
Ser Neptuno e o mar o meu iacaio;
Vulcano p'ra tirar dos elementos
As matérias com que forjasse o raio.

Depois já igualado ao bruto Marte,
Ir assim carregado a toda a parte
Aonde um ser humano se alojasse;

Deixar cair os raios nas cidades,
Os tufões nas florestas e herdades
E o terramoto enfim... no que restasse.

II

Depois tudo passou, voltou a calma
A humanizar meu pobre coração;
Ergui ao alto os olhos e a minh'alma
Estremeceu de horror e comoção.

E lá do fundo as lágrimas a esmo
Brotaram, não de fel mas de bondade;
Transfigurei-me, já não era o mesmo
Que tanto ódio votou à humanidade!

Extinguiu-se essa ideia alucinante
A lembrança dum rutilo diamante
Que vi luzir nas sombras do passado...

Era de minha mãe o coração
A mostrar-me do mundo o lado são
E não o lado pôdre e depravado.

U E R B A

A MODELAR TIPOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
PAPELARIA

Feira Nova-Amares

A nossa oficina executa toda a espécie de trabalhos tipográficos. Descontos especiais aos assinantes deste Jornal. Fornecemos orçamento prévio quando pedido.

**ESTAMOS JÁ A FORNECER
ALGUNS ASSINANTES DO ULTRAMAR**